

FAUNA BRASILEIRA

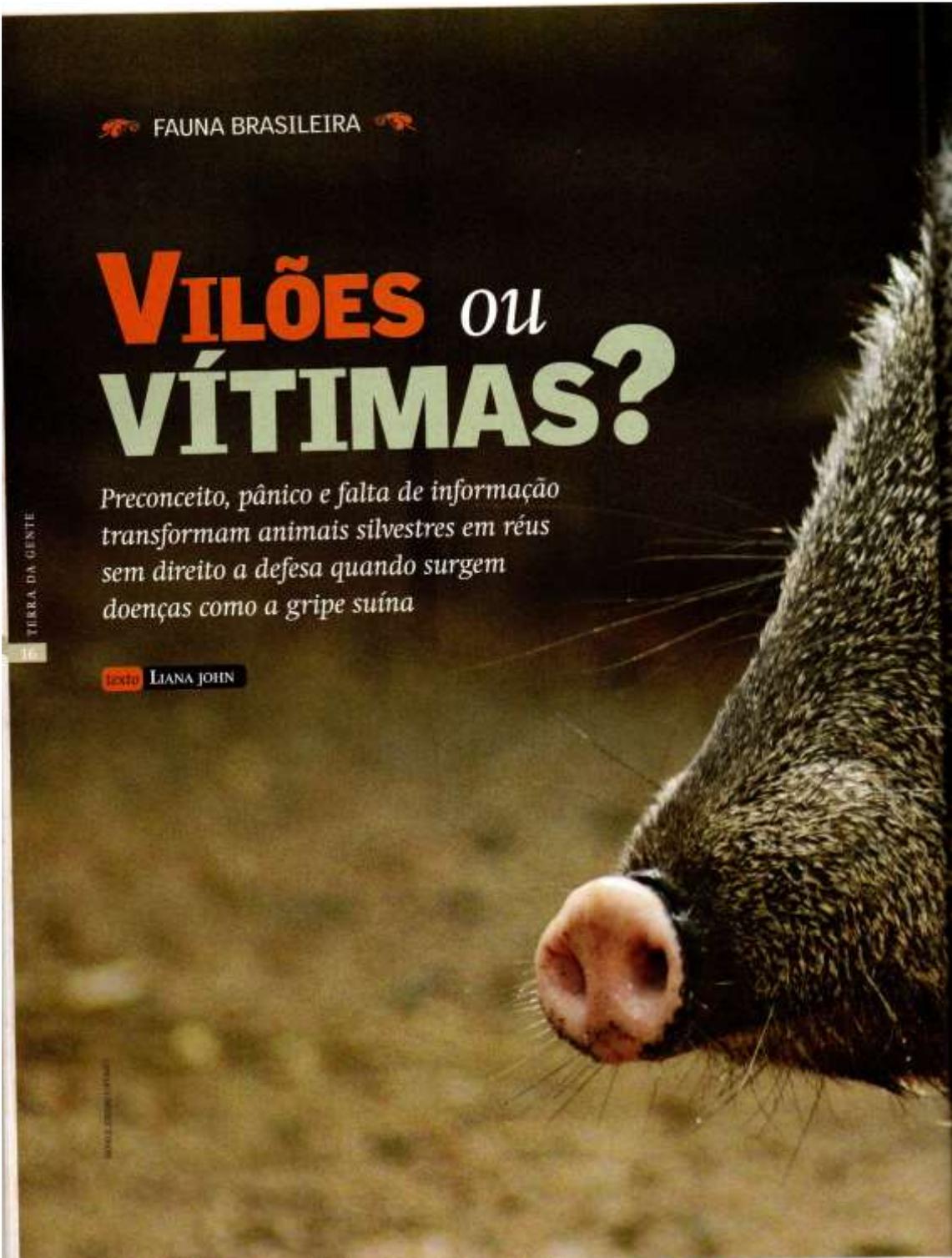
VILÕES ou VÍTIMAS?

Preconceito, pânico e falta de informação transformam animais silvestres em réus sem direito a defesa quando surgem doenças como a gripe suína

TERRA DA GENTE

texto LIANA JOHN

© 2010 Terra Magazine





P

orcos, eles não são. Nem quanto à higiene, nem quanto à taxonomia. Ainda assim, é como porcos-do-mato que costumamos tratar os catetos (*Tayassu tajacu*) e as queixadas (*Tayassu pecari*), as duas espécies nativas da família Tayassuidae.

Eles se parecem com porcos, é verdade, têm até 'focinho de tomada', em forma de disco móvel, eficiente na localização de alimentos e na percepção de perigo – como a aproximação de um predador – ou na exploração do ambiente. Mas são geneticamente distantes dos porcos domésticos (*Sus domesticus*) pertencentes à família Suidae e mais aparentados com os javalis (*Sus scrofa*) e suas 36 subespécies originárias da Europa, Ásia e extremo Norte da África.

Tais diferenças genéticas, em alguns casos, dificultam a transmissão de doenças desses animais silvestres para seus semelhantes domésticos. "É maior a possibilidade de os animais domésticos transmitirem doenças para os silvestres do que o contrário, pois o adensamento de animais em cativeiro cria um ambiente mais favorável para a proliferação dos patógenos", explica a veterinária Alessandra Nava, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ). Ela fez um levantamento desses patógenos – ou seja, bactérias e vírus causadores das principais doenças infecciosas – colhendo amostras de sangue tanto dos animais domésticos como de catetos, queixadas, marsupiais e onças, no Parque Estadual Morro do Diabo e em seu entorno, no

QUEIXO DURO

A queixada tem 'focinho de porco' mas não é porco. Consegue quebrar e triturar as castanhas e os coqueiros mais duros e tem os caninos super afiados



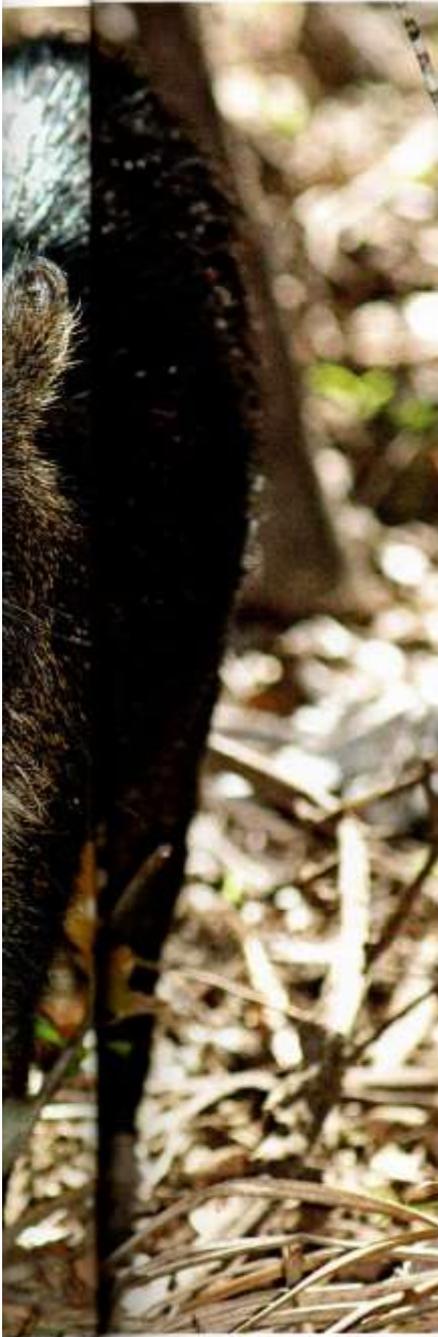


FOTO: GUSTAVO PEREIRA

A experiência mostrou que é possível controlar a invasão dos javalis

Pontal do Paranapanema (SP)

Apesar da crença popular que atribui aos animais silvestres a 'culpa' pela disseminação de toda e qualquer doença, o estudo demonstrou que muitos patógenos são diferentes nas populações silvestres e domésticas. Assim, no caso da brucelose e da leptospirose, por exemplo, embora sejam doenças encontradas tanto no gado bovino como em catetos e quelxadas, os patógenos são geneticamente diferentes. "Isso significa que não houve transmissão entre silvestres e domésticos", esclarece Alessandra. "A leptospirose que o gado tem, no Pontal, não foi transmitida nem por ratos silvestres, como se acredita, pois a bactéria (leptospira) testada nos bois é diferente daquela encontrada nos ani-

mais silvestres".

Cada doença infecciosa tem um comportamento diferente e mesmo cada surto ou epidemia de uma mesma doença tem características diferentes. Por isso não se pode generalizar, apontando a fauna silvestre como vilã antes de saber o que aconteceu. Desde 2007, quando os primeiros macacos-prego foram encontrados mortos no Parque Nacional de Brasília (DF) com sintomas de febre amarela, muitos primatas já foram julgados culpados e condenados à morte pela população apavorada, incluindo algumas espécies de saguis, resistentes à doença. Neste ano, a história se repete com bugios no Rio Grande do Sul, saguis e macacos-prego no Paraná.

No caso da atual epidemia de in-

za H1N1, surgida no México, só o fato de ser chamada de gripe suína também coloca qualquer porco no banco dos réus. Mesmo os porcos-do-mato que não são da mesma família dos domésticos ou os porcos e javalis criados em cativeiro que estejam com a saúde em dia. "Eles são tão vítimas quanto os humanos, exterminá-los não previne os humanos de contágio", alerta Alessandra Nava, hoje integrante de uma rede de pesquisado-

res que estudam a ecologia de doenças infecciosas e parasitas, sob a coordenação da organização não-governamental Wildlife Trust. "Eliminar os animais infectados nem sempre é um meio efetivo de reduzir a transmissão da doença", reforça Kurt Vandegriff, da mesma ONG e da Universidade de Columbia (EUA).

Nos Estados Unidos, até operações oficiais para reduzir a prevalência de brucelose em bisões por meio do abate

de animais doentes fracassaram. "É extremamente importante entender bem a ecologia de ambos - hospedeiro e patógeno - antes de desenvolver estratégias de intervenção", enfatiza o especialista norteamericano. "Muitas coisas sobre a doença precisam ser conhecidas, antes sequer de se considerar uma ação desse tipo: se existem reservatórios, se há um hospedeiro específico, se é diretamente transmitida, se há desenvolvimento de

CATETO



OUTROS NOMES COMUNS: cailitu, tatetu, pecari-de-colar, porco-almiscarado, porco-do-mato

NOME CIENTÍFICO: *Tayassu tajacu*

CARACTERÍSTICAS: 75 a 100 cm de comprimento, 45 a 50 cm de altura (até o ombro), cerca de 30 kg, pelagem cinza com uma mancha mais clara no pescoço, em forma de colar

DISTRIBUIÇÃO: Sudoeste dos Estados Unidos e Norte do México ao Sul do Brasil e Norte da Argentina. Ocupa habitats variados: cerrados, florestas, caatingas, desertos, pantanais, matas secas e chacos

imunidade após a exposição”.

O monitoramento constante, com informações confiáveis, é a melhor prevenção. Por isso, nos estados norteamericanos onde a caça de porcos ferais é autorizada, os caçadores levam o animal abatido para os fiscais de caça ou para o veterinário local para coletar amostras e testar patógenos. No Brasil, este tipo de controle seria indicado na caça de porcos-monteiros, no Pantanal,

e de javalis invasores, ambos da família Suidae.

Os porcos-monteiros são ferais, isto é, porcos domésticos que foram soltos e voltaram ao estado selvagem. E os javalis de vida livre são considerados uma espécie invasora, pois não são nativos e estão se espalhando pelo território nacional, eventualmente competindo por alimento com as espécies brasileiras e causando grandes estragos em planta-

ções, sobretudo de milho. Esses javalis invasores não devem ser confundidos com os de cativeiro, criados em boas condições sanitárias. São descendentes de animais criados em fazendas de caça na Argentina, que escaparam e agora proliferam soltos, tendo atravessado a fronteira Sul há cerca de 15 anos, espalhando-se rumo ao Norte. Atualmente há registros até Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

QUEIXADA



OUTROS NOMES COMUNS: pecari-de-queixo-branco, tiritica, queixo-ruivo, porco-do-mato, sabacu, tacuité

NOME CIENTÍFICO: *Tayassu pecari*

CARACTERÍSTICAS: 1,1 m de comprimento, 60 cm de altura (até o ombro), até 40 kg, pelagem marrão-escuro ou negra com uma mancha branca próxima do focinho, como uma barba ou bigode farto

DISTRIBUIÇÃO: Sul do México ao Sul do Uruguai e Norte da Argentina. Na América do Norte e América Central vive em florestas, mas na América do Sul também habita chacos, caatingas e alguns tipos de cerrados

**PAVIO CURTO**

As queixadas formam bandos maiores, de até 300 indivíduos, e se irritam com mais facilidade que os catetos. Quando batem o queixo e eriçam os pelos do dorso, o ataque é iminente

No Rio Grande do Sul, a caça aos javalis é autorizada, mas é preciso ter licença para cada abate junto ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Em São

Paulo, ao contrário, a Constituição Estadual proíbe a caça sob qualquer pretexto, explica André Jean Derbert. Ele era analista do Ibama em 2005, quando se fez uma experiência de caça ao javali, no interior paulista, após diversos trâmites burocráticos e a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com o Ministério Público. "Pegamos apenas uma fêmea, perto de Itápolis, mas mostramos que o controle seria viável".

"Os javalis são animais grandes, de 80 a 230 kg, e seu controle é importante principalmente porque eles desalojam os animais nativos e causam prejuízos ambientais. Aqui no Parque Estadual de Vila Velha (PR), nesta época do ano, eles competem principalmente com os catetos pelos pinhões de araucária, um recurso energético importante. O javali tem um olfato apurado, chega antes e impede o cateto de ter acesso", observa

Como los hermanos

texto e foto **FERNANDO KASSAB**

Juntamente com as massas importadas e os azeites extra vírgens, a carne de javali fez parte daquele famoso lote de especialidades gastronômicas que desembarcou no Brasil no início dos anos 1990. Não que a carne fosse completamente desconhecida - até já existia a criação do animal, mas era servida em dois endereços no Brasil, ambos em São Paulo, que não eram exatamente sucesso de público e de crítica. De público, porque o argumento do preço sempre foi um impedimento (e ainda o é). Já a crítica torceu o nariz para as receitas em si, quase todas inspiradas na culinária argentina, cujo mate sempre foi a combinação da carne de javali com frutas vermelhas ou amarelas.

Mas a crítica às vezes erra e a textura excepcional da carne de javali, seu leve sabor de caça e os cortes mais magros do que, por exemplo, a carne de porco, são argumentos mais do que razoáveis para prepará-la exatamente como nossos vizinhos. Ou ainda segundo os preceitos da cozinha da região da Toscana, na Itália, onde o javali é quase sempre servido com o que eles chamam de frutas do bosque - amoras, morangos, framboesas -, em uma base de molho que leva ainda vinho branco ou tinto.

Mais fácil de encontrar do que há 20 anos, a carne de javali não precisa ser obrigatoriamente preparada com frutas, mas é inevitável o ganho da especialidade quando feita como em Florença ou Buenos Aires. Preparamos uma receita à moda italiana e portenha, e sugerimos: faça a receita trocando as costeletas de javali por costelinhas suínas. Você vai descobrir que tamanha resistência tem muito mais a ver com a novidade em si, do que com a saborosa carne de javali.

COSTELETAS PUERTO MADERO

INGREDIENTES: (04 pessoas)

- 8 costeletas de javali, temperadas com sal e pimenta-do-reino a gosto
- Óleo vegetal ou azeite
- 1 cebola picada finamente ou ralada
- 3 talos de salsaõ sem as fibras, picados bem finamente ou processados
- 1 xícara (chá) de vinho branco seco
- 3 ameixas vermelhas, sem os caroços, com as cascas, picadas em cubos
- 3 ameixas amarelas, sem os caroços, com as cascas, picadas em cubos
- 1/2 xícara (chá) de geléia de amoras, dissolvida em 1/2 xícara (chá) de água



PREPARO:

Em uma panela ou frigideira antiaderente, frite as costeletas, deixando 2 minutos do primeiro lado e um minuto do outro. Retire, passe para um refratário e leve ao forno quente por mais 5 minutos.

Enquanto isso, prepare o molho. Retire o excesso de gordura do javali que ficou na panela e junte um pouco de óleo ou azeite (uma colher de sopa). Refogue a cebola e o salsaõ, sem deixar que tostem. Acrescente o vinho branco e deixe o álcool evaporar. Acrescente as frutas e mexa delicadamente, sem deixar que cozinhem demais. Acrescente a geléia dissolvida na água e reduza o molho até espessar suavemente. Todo o preparo do molho leva exatamente 5 minutos.

Retire as costeletas do forno, cubra com o molho e sirva imediatamente.

João Batista Campos, do Instituto Ambiental do Paraná (IAP). Junto com a Universidade de Ponta Grossa, o Ibama e a Polícia Ambiental, o IAP iniciou a captura experimental de javalis com armadilhas para posterior abate. "Se o controle funcionar no parque, pretendemos estender a todo o Estado. A carne não será destinada a consumo hu-

Não há registro de casos de queixadas e catetos hospedeiros de doenças

mano por falta de condições de realizar o necessário controle sanitário".

De acordo com Vandegrift, pseudorai-va, triquinose e brucelose são as doenças comuns de populações de porcos ferais e

domésticos e há casos em que os porcos domésticos contraíram a doença de porcos ferais e depois o fazendeiro contraiu a doença dos porcos domésticos, portanto, há risco para a saúde humana. No entanto, ainda não há registros de casos de transmissão de doenças cujos hospedeiros são catetos e queixadas. A explicação talvez esteja na diversidade.



“A literatura sugere que mais biodiversidade corresponde a menos doenças e este é, claramente, o caso da doença de Lyme, transmitida por carrapatos: eles ‘desperdiçam’ mordidas em espécies que não são hospedeiros competentes”, diz o especialista. “Aglomerados de uma única espécie são o sonho dos patógenos e parasitas, então, neste sentido, a biodiversidade pode criar uma barreira contra o risco de extinção e há muitas lições a aprender em nossos ecossiste-

O tamanho dos bandos depende da oferta de abrigo e comida

mas, o que é uma parte do que tentamos fazer aqui no Wildlife Trust”.

Na natureza, alheios às notícias sobre a gripe suína, capetões e queixadas se organizam em grupos com hierarquia

social. As varas de queixadas tendem a ser mais numerosas, com 50 a 300 animais, enquanto as de capetões são menores, com 9 a 15 animais, eventualmente alcançando algumas dezenas, conforme registra a pesquisadora norte-americana Louise Emmons, em seu livro *Neotropical Rainforest Mammals*.

O tamanho dos bandos em áreas preservadas está relacionado à disponibilidade de alimento e abrigo. Porém as pressões humanas – como caça, destma-



ADEREÇO

O cateto, como a queixada, também é conhecido como porco-do-mato, e exibe um 'colar' branco como um dos diferenciais. Usa o focinho como poderosa escavadeira para chegar às raízes e tubérculos, sua comida preferida

tamento e fragmentação de habitats ou sua delimitação por rodovias e cercas – alteram essa relação e tornam cada vez mais raros os grandes grupos. Diurnos, eles se alimentam de frutos, raízes, folhas, invertebrados e, ocasionalmente,



O NOME ATRIBUÍDO PELOS ÍNDIOS AO QUEIXADA – TAIACU – DEU ORIGEM AO NOME CIENTÍFICO DO GÊNERO (TAYASSU) E DA FAMÍLIA (TAYASSUIDAE) E QUER DIZER QUEIXO GRANDE (TAY=QUEIXO, ASSU OU AÇU=GRANDE). JA CATETO DERIVA DE TAITETU E PODE SER TRADUZIDO COMO QUEIXO PONTUDO (TAY=QUEIXO, TETU=AFILADO OU PONTUDO). OS TERMOS DERIVADOS VARIAM CONFORME O QUE SE QUER RESSALTAR: TAIACUETÊ (QUEIXO GRANDE VERDADEIRO), TAIACUPITA (QUEIXO GRANDE VERMELHO), TAIACUTIRICA (QUEIXO GRANDE COM RUIDO DE ESTALO).

pequenos vertebrados, como rãs e lagartos. As queixadas conseguem inclusive quebrar e triturar castanhas e coqueiros mais duros, enquanto os catetos preferem raízes e tubérculos, cavando o solo com o focinho para obtê-los.

Ambas as espécies têm caninos afiados e não hesitam em usá-los, quando se sentem ameaçados. 'Avisam' quando a irritação passou dos limites e o próximo passo é o enfrentamento, embora a queixada seja mais 'esquentadinha' e alcance o 'ponto de carga' mais rápido. As queixadas batem o maxilar inferior, produzindo um estalo muito característico, além de arrepiarem os pelos do dorso. É o sinal para sair de perto ou buscar refúgio no alto de alguma árvore.

Catetos e queixadas delimitam seus territórios com o odor de fezes e de uma glândula localizada no dorso. É comum ver os machos dominantes se esfregando em troncos de árvores para marcar

sua área. Os animais do mesmo grupo também se reconhecem pelo cheiro e se esfregam uns nos outros para manter essa identidade social.

Atingem a maturidade sexual ao redor de um ano – as fêmeas um pouco antes dos machos. A gestação dura pouco menos de 5 meses e nascem 1 a 4 filhotes por cria. A mesma fêmea pode ter duas crias por ano e o período de reprodução não é definido, então se encontram filhotes e jovens de várias idades na mesma vara. Os recém-nascidos são precoces, capazes de acompanhar a mãe já no dia em que nascem. Sua expectativa de vida, na natureza, é estimada em 15 anos. Isso, se o preconceito e o pânico – ou um caçador ilegal – não cruzarem seu caminho. ●

AGRADECIMENTOS A:

Caroline Testa José, pelo apoio na realização das fotos de catetos

Todo pessoal do Criadouro Tarumã (criadouro.tarumã@hotmail.com) pela colaboração com esta reportagem